

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES - GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES—ALFREDO TOLEDÓ E NUNO GAMA

ANNO I

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 5 DE MAIO DE 1889
REDACÇÃO Á RUA DO OUVIDOR—(HOTEL AURORA)

N. 9

LIVRO DA PORTA

Assignatura (Capital) mez..... \$500
Pelo correio, trimestre..... 2\$000

POLYANTHEA

Desterro, 5 de Maio

CRITICA LITTERARIA

Em o numero passado, tratando do magno assumpto, de que ora nos occupamos, referimo-nos ao modo com que se portam nossos periodicos e revistas litterarias em relação ás apreciações dos livros offertados ás respectivas redacções.

Hoje, porém, pretendemos occupar-nos unicamente em ^{motivos} critica louvaminheira de qual. Não nos referimos certamente aos panegyricos ou aos insultos, pois que são apreciações de character individual; referimo-nos a esses escriptos que se apresentam como o resultado do estudo sobre a obra d'arte e que, sob esse pretexto, elogiam ou fazem o diametralmente opposto, sendo a causa, que o move a tal, toda pessoal.

Não se póde de modo algum admittir na critica litteraria as apreciações influenciadas por sentimentos individuaes, visto não poder haver dualidade, e do contrario a critica deixaria de ser uma sciencia e não lhe seria mister o auxilio da psychologia, da esthetica e da sociologia.

E portanto deve ser banida e só poder achar escondouro nas —Secções livres—de nossos jornaes a critica que tem por alvo o elogio ou o vituperio, quando um e outro não tem razão de ser.

Lembra-nos agora uma dessas criticas em que o articulista, muito bom rapaz, muito intelligente e promettedor, depois de ridicularisar no calão da plebe a um estreante, e isso em muitas tiras de papel termina deixando ao auctor a redacção, depois d'elle, auctor, criticar sobre o que escreveu!

Lembramo-nos della, porque sua tosca originalidade muito nos impressionou, pois o articulista, escrevendo tanto sobre o objecto da critica, não apontou sequer uma falta commetida e terminou-a do modo pelo qual o fez, demonstrando assim elle proprio ser uma inutilidade, e por consequentemente sem razão de ser seu escripto.

Essas pseudo-criticis trazem em si laivos de um despeito esmagador, que o articulista devia tasquinhar a sós, e não com sua serrazina causar mesmo ao leitor indifferente crispacões ou agasturas de nervos, e dar de beber a sua victima o absinthio levedado do ridiculo.

Não queremos, não é nosso intento, combater a critica scientifica, pelo contrario, pugnamos por ella; frige-nos o pensamento de dar um golpe profundo sobre a mordacidade dessa obsessão mazorril de espiritos rudes, obreiros da fancaria.

Referimo-nos a critica vana, louvaminheira ou maldizante, feita de conformidade com os sentimentos pessoais, de amizade, no primeiro caso; de inimidade, no segundo; mas não á critica sincera que aponta as bellezas e os defeitos do que está sob sua apreciação.

AO ALVORECER

A NUNO GAMA

Nas plagas infinitas do espaço trevoso Deus com os braços estendidos ia arrancando do seio das ondas o aureo disco do astro fulgurante, que preside o dia.

A pouco e pouco o levante se aprestava com as purpuras da alvorada, que peneirava sobre nuvens garças uma finissima poeira de oiro.

Cortavam os ares gaivotas arminosamente brancas, que voavam por sobre a salsa planicie do placido mar, e quando em vez roçavam com suas ligeiras azas as aguas desse immer-

cantores insignes, n'uma symphonia amenamente alegre, em torrentes de harmonia, saudavam saltitantes de prazer o despontar do dia, gorgoeando as mais lindas epopéas!

As flôres apresentavam, altivas, sumptuosamente aljofaradas suas petalas, em que o vivificante rocio depuséra apaixonado perolas scintillantes!

A aragem matutina, aromatisada, mobilisava levemente o ar fresco e sadio e trazia consigo a sonoridade risonha das alegres canções dos passaros.

Descortinava-se um bello horisonte, ao lado do oriente nuvens carminisadas tautavam o azul dos céos.

Nessa hora, em que a natureza se despertava palpitante de vida, dormias tranquillã em teu leito de vagem, e sonhos alegres te affagavam o pensamento em teus labios.

Quando se espantados se espantados e prolongados

Pronunciavas palavras entrecortadas e eu ouvi bem claramente que chamaste por mim, o teu Quimzinho, como me tractavas!

Depois, de manhã, eu ancioso esperava que terminasses os apeiros de «toilette» e viesses á sala, para então atirar-me submisso a teus pés de rainha!

Quando foram te despertar encontraram-te com as palpebras descerradas, os olhos sem brilho, morte implacavel tinha te roçado ás minhas caricias!...

Só pade mirar-te quando não mais desabotoava em teus labios a flôr de um sorriso, quando cessára de palpitar o teu coração, quando já não vivias!

Estão depuz em tuas gelidas faces o primeiro osculo de amor e sempre que presencio o apparecimento da aurora em céu azul, duas diaphanas columnas de lagrimas deslissam-se de meus olhos!

Abril—89

ALFREDO TOLEDÓ

DE PUNHO...

Corre nos bancos da praça que um senhor cura, em pratica «mariana», affirmou aos seus amados fiéis que o doce e a... fructa, especialmente, sam demaziado nocivos ás moças.

Temos, portanto, a hygiene no pulpito, e si isto não é mais uma conquista do seculo, com certeza, por ali, ha ausencia de materia nova.

Admittimos que o senhor cura cure do espirito das moças, aconselhando-as que trabalhem mais e namorem menos; reservamos, porém, ao mundo profano o direito de presumir que as questões que se prendem á regularidade e á conservação da vida animal, giram, essencialmente, na orbita dos higienistas.

Nada de exorbitancias: cada qual no papel que lhe competir n'este mundo em que vemos, de um lado e em nome do céo, pregar-se a immoralidade do espirito, e de outro e com a responsabilidade da Sciencia moderna, affirmar-se a eternisação da materia.

O senhor cura, que se diz medico da alma, não gostaria, de certo, que os medicos do corpo, invadindo os santissimos dominios do clero, dessem ás suas amaveis clientes: Sam enormemente perigosas

A ERNESTO VIEGAS

Habitavam, havia tres mezes, n'uma casinha amarella, elegantemente edificada a beira d'uma verdejante malta, um casal que se amava muito.

Nem siquer a sombra de uma nuvem vinha toldar a felicidade d'aquelle mimoso par.

Dir-se-ia que elle era Romeu e ella Julieta.

Sempre ao alvorecer, ao som de suavissimos canticos dos passarinhos, e ao ciciar d'uma brisa heliotropisada, o mimoso par de mãos dadas, sahia a passeio, ora saltando um valle, ora entrando n'um bosque, tão risonhos, tão ternos, que pareciam pombinhos arrulhando.

Quando cançados, sentavam-se a relva e ahi passavam horas esquisitas entre abraços e beijos.

As borboletas multicores volitando em redor, vinham pousar uma a uma nas rendadas saias de Dolores. Alberto, então, tirando do bolso o perfumado lenço as enxotava, tal era o ciúme que tinha de Dolores, que não consentia que sobre ella pousasse o mais inoffensivo insecto.

Elle, era um elegante rapaz, de um moreno attractante, porém de uma construcção debil, o que não impedia de amar Dolores até ao sacrificio...

...a gentii, de cor tam... n'um mor... e uma carnosidade tentadora e sentia por Alberto igual amor...

Um dia, depois de voltarem do costumado passeio, Alberto sentio que alguma cousa fóra do commum o incommodava.

Queixando-se a Dolores, esta sem fazer esperar, mandou chamar um medico a toda pressa, e sentando-se ao lado de Alberto, ahi ficou triste, pensativa, presagiando talvez alguma desgraça.

Alberto, pallido, sentindo-se cada vez mais incommodado, principiou a tossir e desfalheceu.

Dolores, cheia de susto, abraçando-o, pergutou:

«Tens? olha, é a tua Dolores que falla!»

«Entreabrindo os olhos, disse: «Sinto que vou morrer!»»

«Entrava n'esse momento o medico, aos pés do qual Dolores lançando-se applicava:

«Salve-o, Dr.! Tenha compaixão de mim!»

«Quando Alberto,

Não quero morrer sem fazer as minhas ultimas despedidas!...

Ella, entre lagrimas repondeu-lhe: Oh! não morrerás!

E, beijaram-se!

Novo desfallecimento acompanhado de uma tosse ainda mais forte, e sobretudo uma hemorrhagia sufocou-o. Quiz abraçar novamente Dolores e sem poder cahio balbuciando estas palavras: Dolores!... Adeus.

Ella fietou-o e dando um grito de dôr cahio junto do cadaver de Alberto.

Desde o dia do fallecimento de Alberto em diante os passarinhos não cantaram mais junto a casinha, as janellas não se abriram nunca mais, e em lugar da cor amarella pintaram-n'a de preto, o que dava um aspecto lugubre.....

D'ahi a um anno Dolores entregava a alma ao Creador, as mesmas horas em que Alberto fallecera.

Elle morreu por amal-a até o sacrificio, e ella de hypocondria.

Desterro—89.

NUNO GAMA

A MORTE DE JOSÉ BONIFÁCIO

Quis... pudor... (HORAT. Od. L, l'ode XX)

Que pejo pôde haver em tristes prantearmos Vida sem cara extincta? A musa que m'inspira Aline esta rouqueira, empoeirada lyra, Pra o silencio da dôr profunda ora quebrarmos

E' morto um grande herôe! Palavras taes soltar (mos?...) Ha, por ventura, dôr que mais o peito tira?... Palpita irregular o abraço, delira! E' dura o pesadelo! E' sempre despertarmos!

Si tocha de tyraana é a morte o sentimento, A força da razão, a luz do entendimento Cheiza delirio insano ao longo solugar!

E que fazer-se em tal difficil conjunctura? Olhos baixar á campa, erguel-os para o altura. Sim! qu' sepulchro e o céo nos pódam confortar!

WENCESLÃO BUENO

ROMEU E JULIETA

— Senhor!

Permitta que te beije, que te suffoque ao meu peito, que aperte essas mãozinhas alvas como as petalas das cecenas. Tu para mim és o lyrio do meu coração, que volatiza sobre as flores dos jasmims, rendilhados

...este perigo... que a calamidade do Rio de Janeiro e de Santos e as impertinencias da «malignacea» collocaram a saude publica na expectativa de uma reticencia.

Desterro.

LYDIO BARBOSA

ABDICAÇÃO

Sobre a tapeçaria, ajoelhado Cupido um corpo contemplando; unindo as azas, detraha, a mão roçaga o cortinado.

Bello regaço em chammas abrazado. Consente labios rozeos o beijan lo. E emquanto as dôres vão se desbotando, Torna-se o liso cóllo amarrotado.

Desejos permutando com desejos, Bello mancebo e tímida donzella Celebram do hymineu febris harpejos, Humido e ardente soporo apaga a vella. Emquanto as bocças roçam-se entre beijos am no chão as flôres da capella.

Luiz C

de amores, a doce luz dos astros constellados. Viver sem ti era morrer... Era habitar um mundo sem sol, uma manhã nascida sem aurora, um oceano despido de espumas d'ouro...

— Ainda !!

Anjo de meu sonho azul e crystalino, como a passarada alegre ao primeiro prenuncio da alvorada, como as aguias das montanhas ao sol scintillante na magestade dos astros. Teus olhos são mais fulgurantes que um par de diamantes negros, teus labios mais puros que a candidez do arminho, deusa, um beijo só !...

— Louco ! Insensato !!

E n'um leve gargalhar de alegria e despeito a cruel Desdemona dirige-se para seu «boudoir» de ebano negro, onde ostenta-se garbosamente um espelho do mais puro crystal, mas o dandy, idylliamente apaixonado, ligeiro como as avezinhas dos prados, atira-se a imperante de seu coração, ao complexo de seu todo e segura-a pela cintura fina e macia, a maciez das rosas.

N'aquella intermitencia de amor, aquella frenesi ardente e convulsante, alguma cousa cae-lhe aos pés, entre os gritos baixos e soluçantes da escolhida de seu coração.

Em umas roscas de arame, envoltas em tiras de pano...
riamente conhecida...
as» (1) que cahiam...
descreença.

Momentos depois o prado achava-se curado...
ardente, aniqui...

FERNANDO C

Passam os annos e os mezes,
Passam as noites de amores,
Passam as horas melhores
Do nada pelos umbraes !
No vazio da existencia
Longo olhar triste fitando
A tudo que vai passando,
Diz o homem—nunca mais !

Nunca mais—é um desengano !
E' uma longa saudade
D'um tempo de f'elicidade
D'aureas crenças ideaes ?
Nunca mais ! diz-se entre prantos
Quando a esperanza é perdida !
Perdem-se os sonhos da vida
Quando se diz—nunca mais !

Não sei porque n'este dia
Claro, esplendido, formoso,
Em que tudo é riso e goso,
Tudo cantos festivaes...
Um pensamento secreto
Que o meu ser opprime e cança,
Aos anhelos da esperanza
Vem dizer-me—nunca mais !

F. QUIRINO DOS SANTOS

A MULHER

A imaginação ardente e soberanamente arrebatada de um dos mais sublimes historiadores, que poderão dar uma idéa, embora pallida, mas condigna do nosso apparecimento sobre a terra, faz nascer a mulher

roínas, tambem aspire, sem discrepância de uma só de suas flôres amáveis, ao pinaculo de todas as glorias.

A natureza, como que predispoz a mulher para representar ao lado do homem, na sociedade, os deveres mais iuvejaveis. Aonde está a caridade com todo o esplendor de seus sacrificios que não esteja a mulher ? !

Luz collocada na montanha dos tempos, ella allumia com raios mais vivos e poderosos do que a cratera que abre o horisonte quando se levanta o rei soberbo dos céos !

E' a filha modesta dos valles, a formosa Rachel, ô a esplendorosa Judith, a Esther deslumbrante, senhora de Assuero !

A sensibilidade que é uma das forças mais preponderantes na organização, embora fragil, embora debil do espirito da mulher, tem sido motora das maiores façanhas que o mundo conhece.

Tambem o sexo feminino pôde attingir o gráo de desenvolvimento intellectual que tem assignalado a carreira gloriosa dos homens illustrados.

E' de todo interesse social que o se...

Encara-o bem primeiro, enquanto escuto
Deste arvoredor o farfalhar funereo...
Um punhado de pó — parco tributo!
Para o teu negro reino — o cemiterio.

Espera o a cova — o sorvedouro fundo
Das illusões phantasticas do mundo,
Do ultimo riso e do sonhar primeiro.

Eis o que a vida é: um grande palco;
A derradeira scena é o catafalco...
— O pinno arreia, pois, torvo coveiro!

X

Na geração romantica dos cantores
lyricos da provincia de S. Paulo occupa
Quirino dos Santos um lugar logo
abaixo de Alvares de Azevedo — o grande
poeta da *Lyra des Vinte Annos*.

Quirino dos Santos estreou nas letras
com as *Est. ellas Errantes*, cujo
valor foi devidamente apreciado por
Pinheiro Chagas, em Portugal.

Essa collecção de poesias para logo
revelou em Quirino dos Santos um
poeta de fina tempera, um futuro ar-
tista, um acurado cultor da lingua ver-
nacula.

Eis um trecho do escripto de Pinheiro
Chagas sobre esse volume de versos:

« O fogo juvenl inflamma todas as
poesias do sr. Quirino dos Santos; as
imagens, ás vezes incorrectas, atropel-
lam-se denunciando a feliz exuberancia
de uma phantasia prodiga, extravagante
em algumas occasiões... »

Em nossas columnas figura hoje uma
bella estrella errante que, de par com
outras, fulgirá sempre no firmamento
algum tanto deserto e nebuloso da
litteratura patria.

A poesia — *Nunca mais* — é composi-
ção poetica que podia ser assignada
sem desdouro pelos melhores poetas da
geração romantica.

W, Q.

FALLANDO A' ALMA

A LUCIO DE MENDONÇA

Vô!, tens azas, vô!, que te falta?
Vô!, minha Alma, corta o largo oceano,
Deixa a torpeza deste corpo humano
E vai, que não te alcança a onda que salta.

Das andorinhas, a emigrante malta
Vô!, chilreante, em longo vôo insano;
Duas vezes viaja assim por anno
E o amor que te exalta não a exalta.

Vae, corre, vô!, e diz-lhe que eu penso
Constantemente n'ella e que maldigo
Todas as aguas d'este espaço immenso;

Que a espero, mas que soffro; que sou forte,
Que, por ella, de tudo cousigo,
Mas que a saudade mata mais que a morte.

FILINTO D'ALMEIDA

Maria é seu nome.

Nome suave e delicioso!

Esta imagem tão linda e meiga é
que vejo em minhas visões!

Na triste hora da despedida re-
tumbaram pelo espaço palavras
amorosas!

Ella dizia-me que dentro de seu
coração estava escripto, para sem-
pre, o meu nome!

Dizia-me que eu para ella era o
mesmo que o sol para as plantas e a
chuva para a terra!

O mesmo é ella para mim!
Não posso pensar em Maria que
não sinta meu coração palpitar e
uma lagrima desprender-se de meus
olhos!

Maria! és para mim o balsamo
sancto e o objecto de minhas visões!

Ao pensar em minha despedida
meu coração reveste-se de lucto.

Porto-Alegre, 9—4—89.

I. M. TEIXEIRA.

FACTOS

Luiz Canariun Junior

ia alguns